



II Congreso Internacional
sobre Fiestas de Moros y Cristianos
Gandía (Valencia), 28 – 30 de junio de 2024



O Auto da Floripes, as nortadas e outros ventos do noroeste peninsular

O Auto da Floripes, the Nortadas, and other winds of the northwestern Iberian Peninsula

Dias Franco, Luis Alberto

Associação Núcleo Promotor do Auto da Floripes 05 de Agosto (luisfrancomj@gmail.com)

RESUMO: Este capítulo aborda o Auto da Floripes, uma tradição teatral popular multissecular realizada anualmente na aldeia das Neves, no concelho de Viana do Castelo, Portugal. A análise explora a evolução histórica, os desafios e as mudanças enfrentadas por esta manifestação cultural ao longo do tempo, destacando a sua complexidade como património imaterial. A partir de relatos etnográficos, testemunhos e representações desde o século XIX até à atualidade, o texto reflete sobre as tensões entre tradição e inovação, os problemas organizacionais e o impacto das mudanças nas comunidades locais. Além disso, são propostas soluções para preservar e revitalizar o Auto da Floripes como uma parte essencial do teatro popular português.

Palavras-chave: *Auto da Floripes, teatro popular, tradição, património imaterial, cultura local, Neves.*

ABSTRACT: This chapter examines the Auto da Floripes, a centuries-old popular theatrical tradition performed annually in the village of Neves, Viana do Castelo, Portugal. The analysis explores its historical evolution, the challenges, and the changes faced by this cultural manifestation over time, highlighting its complexity as intangible heritage. Drawing on ethnographic accounts, testimonies, and performances from the 19th century to the present, the text reflects on the tensions between tradition and innovation, organizational challenges, and the impact of changes on local communities. Furthermore, solutions are proposed to preserve and revitalize the Auto da Floripes as an essential part of Portuguese folk theater.

Keywords: *Auto da Floripes, folk theater, tradition, intangible heritage, local culture, Neves.*

Cómo citar: Dias Franco, L. A. (2025). O Auto da Floripes, as nortadas e outros ventos do noroeste peninsular. En *Actas.: II Congreso Internacional sobre Fiestas de Moros y Cristianos*. Gandía (Valencia), 28 – 30 Junio 2024. Doi: <https://doi.org/10.4995/MMyCC24.2024.20636>



2025, Editorial Universitat Politècnica de València

1. CONTRIBUTOS HISTÓRICOS E VISÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE O AUTO DA FLORIPES

Tomás Sampaio e Matos (1840-?), natural e residente na então vila de Barcelos e estudante de Direito da Universidade de Coimbra, com a sua publicação no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1860* sobre as festividades em honra de Nossa Senhora das Neves e uma representação teatral, deixou para o dia 15 de dezembro dessa edição o registo mais antigo conhecido sobre o *Auto da Floripes*:

“[...] Apoiado sobre grossas estacas, vestidas de vária e entrelaçada ramagem, lá se vê levantado do chão á altura de seis palmos um tablado, onde se recita todos os annos o predilecto drama, Ferrabraz e Floripes.

Começa já o dia a declinar, e eis que chegam quinze cavalleiros (é conta fixa e sabida), escarranchados, uns em selim, outros em albardão, nos seus bucephalos, e fazendo-os girar meia duzia de vezes no largo, tendo primeiro formado duas linhas como dispostos em campo de batalha, agora os vereis disputando-se em oppostos campos. Uma das linhas representa os denominados doze pares de França com seu chefe Carlos Magno; arremeda a outra um troço de mouros, às ordens do Almirante Balão. Tração todos fardetas, que dizem à moura. O resultado da peleja sahe favoravel aos pares, que então sobem ao tablado, e ahi representão seus papeis; seguem-se-lhes os outros, e igualmente ahi tem seu papel a magnanima Floripes, namorada de Guy de Borgonha; esforção-se todos para receber os applausos de que efectivamente os cobrem os espectadores, e termina a festa por um segundo combate, em que o almirante mouro se finge victima dos pares francezes, e Floripes com seu irmão ficção em poder dos mesmos.

Bom é quando o povo se diverte.”



Fig. 1. *Turcos e banda filarmónica, na representação do ano de 1910.* Fotografia de Jacinto Alves, publicada em Silva Etnográfica, Edições Marânus, Porto, 1939.

Cláudio Basto (1886-1945), um professor do liceu da cidade de Viana do Castelo e um escritor, etnógrafo e filólogo dos primórdios em Portugal do estudo das tradições, usos e costumes, no ano de 1912 e no número XV da revista *Lusitana*, de José Leite de Vasconcelos, sob o título “Tradições e Falas de Viana do Castelo”, publicou a primeira descrição do *Auto da Floripes* das Neves, que presenciou no ano de 1910, tendo iniciado um conjunto de mais de duas mil e quinhentas palavras da seguinte forma:

“O «Auto da Floripes» é uma representação popular que se faz no lugar das Neves (concelho de Viana), ao ar livre.

Ultimamente o «auto» tem sido muito desfigurado, já não havendo quem o represente a preceito, aparte alguns velhotes que ainda vivem, actores apaixonados da velhíssima representação e que se esforçam por que a rapaziada desempenhe agora os seus papéis como os desaparecidos actores. Dantes, sim, diziam-me os aldeãos mais idosos. Dantes é que isto era levado a primor. Agora falta F., falta C.

E, de feito, vivem na memória daquela gente velha os homens que noutros tempos eram as personagens principais do antiquíssimo auto. Enquanto vivos, eram eles sempre que desempenhavam as mesmas figuras. Depois, os papéis foram herdados pelos descendentes como já eles os haviam herdado de seus ascendentes. ”

Terminou-o assim:

“Considerando o depoimento da velha, junto a quem assisti á representação, esta não é encarada com justeza, notando-se que o tempo, a necessidade de adaptação e a errada interpretação da História de Carlos Magno foram decerto os factores dessa perversão de sentido e de desempenho. ”



Fig. 15 — Os cristãos, em 1933. (Ao fundo, a filarmónica respectiva).

Fig. 2. *Cristãos de espingardas caçadeiras, na representação do ano de 1933.*

Fotografia de Aureliano Carneiro, publicada em *Silva Etnográfica*, Edições Marânus, Porto, 1939.

No entanto, já no ano de 1939, na revista *Silva Etnográfica*, sob o título “Auto da Floripes” e após a visualização de uma outra representação, a do ano de 1933, terminou de forma algo distinta um outro conjunto de mais de duas mil palavras:

“Bem merecidos são os aplausos com que sempre, e à farta, a multidão assistente às comédias cobre os ingénuos figurantes, - aldeãos que, através de mil estorvos modernísticos, ferrenhamente conservam o seu auto, precioso documento vivo para o estudo do nosso teatro popular.”

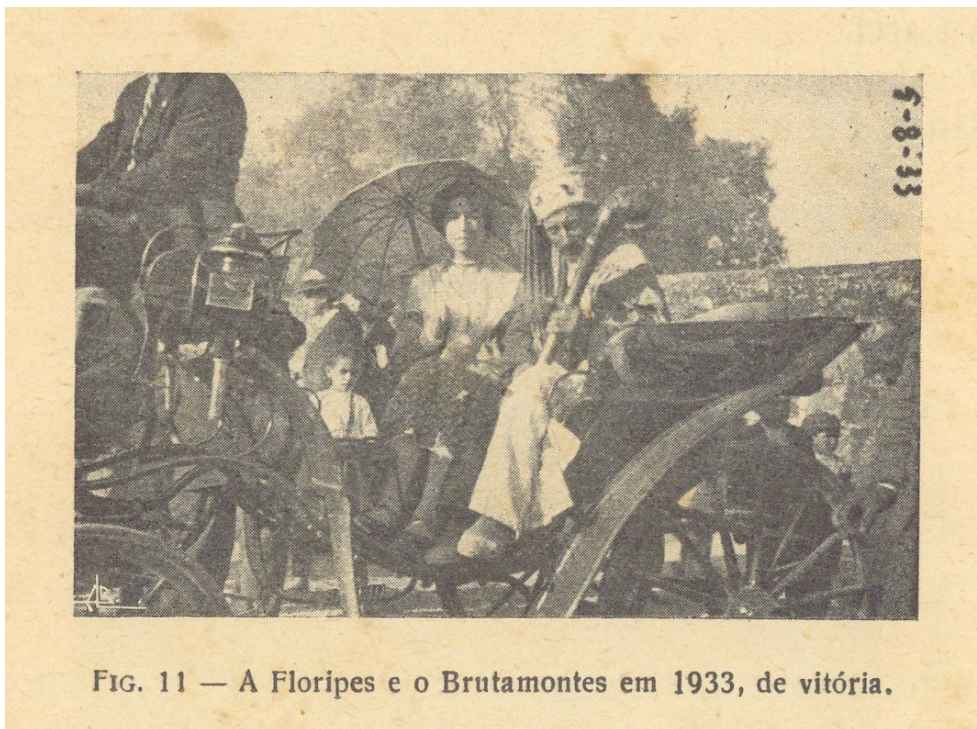


Fig. 3. A princesa Floripes e o bobo Brutamontes, em carruagem vitória, na representação do ano de 1933. Fotografia de Aureliano Carneiro, publicada em *Silva Etnográfica*, Edições Marânus, Porto, 1939.

Rodney Gallop (1901-1948), um secretário da Embaixada do Reino Unido da Grã-Bretanha em Portugal e outro etnógrafo entusiasta da cultura popular, após um trabalho literário sobre as representações *pastorales* de Soule (*A Book of the Basques*, 1930) encontrou muitas semelhanças nas tradições dramáticas de mouros e cristãos do outro lado da península, que registou na obra *Portugal: a Book of Folk-Ways*, do ano de 1936. Numa tradução de Vasco Oliveira das páginas 174 a 179 da edição de 1961 da última obra, sobre as *pastorales* de Soule o autor concluiu que:

“Em Soule, a mais oriental das três províncias franco-bascas, peças ao ar livre chamadas de Pastorales, completamente medievais na sua técnica, são realizadas na primavera ou no começo do verão. Os personagens de bem são invariavelmente chamados de “cristãos”, enquanto os seus oponentes, qualquer

que seja a sua real nacionalidade, são chamados de "turcos" e vestem um traje tradicional escarlate com uma coroa de fitas, espelhos e flores artificiais que lembram o capacete dos dançarinos "mouriscos". Na Pastoral de "Jeanne d'Arc", por exemplo, Santa Joana e os seus compatriotas são os "cristãos", enquanto os infelizes ingleses são escalados para o papel de "turcos". Quaisquer que sejam as peripécias da peça, há sempre incontáveis batalhas, estilizadas a ponto de se tornarem danças em vez de representações realistas, nas quais os "turcos" são finalmente derrotados. Considerações cuidadosas me levaram à conclusão de que essas peças representam a fusão de um teatro medieval de "mistérios" com combates cerimoniais entre cristãos e muçulmanos."



Fig. 4. *Os turcos, na representação do ano de 1932.* Fotografia de Rodney Gallop, publicada em Portugal: a Book of Folk-Ways, Cambridge, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, 1936 e 1961.

Sobre o *Auto da Floripes* e da representação que presenciou no ano de 1932:

“Algo semelhante parece ter acontecido em Portugal. Nos Açores, de acordo com um escritor citado por Theophilo Braga, o nome “Mourisca” é mantido para peças ao ar livre sobre vários assuntos, enquanto “o traje histórico que os atores vestem continua a ser o dos mouros, como eles dizem”. Essa fusão também parece fornecer a explicação mais satisfatória para uma peça elaborada chamada Auto de Floripes, que é realizada anualmente no dia 5 de agosto, na aldeia do Souto das Neves, entre Barcelos e Viana, em homenagem a Nossa Senhora das Neves.

Como as Pastorales bascas, o Auto de Floripes combina um combate simulado entre muçulmanos e cristãos com uma peça medieval, remanescente da Idade Média em termos de tema, na técnica de palco e, acima de tudo, na mistura de estilização e realismo ingénuo com que é representada. (...)

Achamos o enredo difícil de seguir, embora para os aldeões que o viram todos os anos das suas vidas, pode ter sido claro o suficiente. Os atores gritaram as suas falas ou cantaram num canto arcaico. Cada ação ou gesto importante era marcado por uma batida de tambor ou um rufar prolongado, e a maior parte da peça consistia numa série de batalhas e combates individuais, de desafios, embaixadas e capturas, todas encenadas numa técnica tão convencionalizada que sugeria o ballet ao invés da cena realista. (...)

O epílogo foi formado por uma dança. Carlos Magno, Rolando e Oliveiros fizeram uma espécie de “Três Confrontos” com o almirante Balaão, Floripes e Ferrabrás, até que finalmente toda a companhia se rendeu num simplificado “Sir Roger de Coverley”. Será difícil esquecer a beleza e a cor daquela cena final, as vestes ricas dos mouros e as esbeltas figuras brancas dos cristãos gravadas num delicado padrão com o veludo verde das colinas distantes como pano de fundo.”



Fig. 5. Princesa Floripes, Almirante Balaão e soldados turcos, em representação dos anos 30 do século passado. Fotografia de Alexandre Gigante, do arquivo de Leandro Quintas Neves, na posse da Junta de Freguesia de Vila de Punhe.

Alberto Couto (biografia desconhecida), poucos anos depois, na notícia “TEATRO POPULAR – O «AUTO DA FLORIPES», publicada no *Diário de Notícias*, no dia 17 de setembro de 1943, tornou nacional um problema da tradição que duraria quase três

décadas (de 1934 a 1961) – os vários anos de não haver representações por causa do guarda-roupa e da sobrevivência ficar em risco:

“Mais uma vez se não ergueu, no souto frondoso das Neves, aqui a dois passos, em Vila de Punhe, o estrado para a representação do celebrizado «Auto da Floripes».

Já passa de um ano que se ergueram clamores, com o fim de salvar essa derradeira revivescencia do teatro do povo nas terras do Alto Minho, perdidas como estavam, de vez, esperanças de ver ressurgir, em toda a sua ingenuidade e simpleza rustica, as «comedias» de Perre, Subportela ou Venade.

Mas, calados esses brados, ninguem mais buliu no assunto, e parece que levaram sumiço os ultimos trapos dos ultimos trajos, envergados por cristãos e turcos na representação desse auto. (...)

Ou será que, por mais descuidos, vamos sofrer a lastima de ver cair no ostracismo tão curiosa como notavel manifestação do teatro popular, unica nesta região do Alto Minho e rarissima no País?”



Fig. 6. *Cristãos, em representação dos anos 40 do século passado.*
Autoria desconhecida. Cedida ao Núcleo Promotor do Auto da Floripes 05 de Agosto.

Luís Chaves (1888-1975), um etnógrafo, arqueólogo, professor e conservador do então Museu Etnológico Português (em Lisboa), na notícia “Coisas que o vento não levou”, publicada no *Diário da Manhã*, no dia 21 de outubro do mesmo ano de 1943, também partilhou a mesma preocupação:

“Informações alarmadas, e etnograficamente alarmantes, dão-nos conta da decadência extrêma em que está o «Auto da Floripes» na aldeia das Neves, do concelho de Viana do Castelo. E digo que a noticia é alarmante, porque, entre as

coisas notáveis, que nos restam das velhas formas do nosso teatro popular, este auto vale por magnífica lição.

Quando, qualquer que seja, uma feição popular de arte fica abandonada a si própria, sem estímulos nem compreensão, mais e maiores que os dos seus praticantes, isolados e incompreendidos, ela definha e acaba por desaparecer. Desaparece ou rende-se a formas de expressão inovada, incapaz de criar e manter caracter. (...)

Este ano os habitantes faltaram com a sua secular homenagem á Virgem. Não representaram o auto. Faltou-lhes tudo, e tiveram porventura pejo de macular a tradição com improvisações do reles, pior que o pobre. Todavia, por bem de todos e de tudo, o auto não pode extinguir-se; é uma nascente de energias e de satisfações alegres. (...)

É preciso que para o ano a povoação das Neves reanime o seu auto, e seja possível atrair lá muitos curiosos. Rodney Gallop, esteve lá, assistiu e trouxe bela colecção de fotografias.”



Fig. 7. *Turcos, em representação do ano de 1945. Fotografia e arquivo de Leandro Quintas Neves.*

João José Cochofel (1919-1982), um poeta, ensaísta e crítico literário musical, e um dos percursores do movimento artístico Neorrealismo português, publicou no ano de 1949 e no n.º 73 da *Vértice, Revista de Arte Cultura*, uma “Nótula sobre o valor espectacular do Auto da Floripes” a expressar o seguinte:

“Anuindo gostosamente ao convite amigo da Família Alves Costa, ali fui assistir à representação. Pela minha parte, tinha curiosidade de verificar o que teria ficado do florescimento medieval e, confesso, ia disposto a divertir-me com os anacronismos de acção e de indumentária e a sorrir benèvolmente do pitoresco do desempenho, que são de regra e dão afinal todo o sabor ao teatro de feira e a certo teatro de amadores.

Claro está que não me enganei nas minhas fáceis previsões. Os soldados de Carlos Magno vieram de caçadeira ao ombro, a batalha entre as hostes rivais teve tiros de pólvora seca, e por fim foi a própria Floripes que chegou num esplêndido Hudson aberto, do último modelo. Mas o que eu não pudera suspeitar fora a pureza, a autenticidade, a poesia, a nobreza de atitudes, enfim a intensa teatralidade do completo espectáculo que me estava reservado e que de pronto eclipsaram os seus aspectos facetos. (...)

De que prodígios não é capaz o anónimo génio do povo, que parece estar só à espera de quem lhe desbrave o caminho da cultura, para dar correcta e apropriada expansão à torrente generosa da sua seiva inexgotável!

Logo no que diz respeito à encenação, ou melhor, à própria estrutura cénica do auto, se podem reconhecer os germes da preocupações e dos problemas do teatro actual, das suas experiências mais ousadas ou mais bem sucedidas. A começar pela ambiciosa ideia da fusão das artes: o auto da Floripes não é apenas representado mas, de acordo com a tradição de que provém, mimado, bailado, recitado e cantado. A acção, particularmente nas cenas de combate, é dada por gestos, passos e marcações (algumas felicíssimas como a da figuração do cerco) que o rufar do tambor por vezes sublinha, e entremeada de danças executadas individualmente e em conjunto e que regra geral exprimem movimentações: entrada de personagens, a batalha ou pura diversão. A música, uma contradança tocada alternada ou simultâneamente pelas duas bandas, marca a contribuição do século XIX ao auto.”



Fig. 8. *O bobo Brutamontes, com a cacheira “Moca”, e a princesa Floripes, na representação do ano de 1945.*
Fotografia e arquivo de Leandro Quintas Neves.

Andrée Crabbé Rocha (1917-2003), uma filóloga, ensaísta e professora universitária, na notícia “O «Auto da Floripes» ou As Comédias em Portugal”, publicada no jornal *O Comércio do Porto*, no dia 22 de outubro de 1957, para além de deixar para a posteridade o registo de ter estado nas Neves, acompanhada pelo marido (Adolfo Rocha, que se tornaria mais conhecido pelo pseudónimo Miguel Torga) e alguns amigos, também revelou uma interpretação afincada do *Auto da Floripes* e um bom conhecimento da cultura popular portuguesa:

“Esta velha terra não deixará tão cedo de surpreender, da maneira mais enternecedora e sugestiva, quem lhe folheia os livros ou lhe calcorreia as serras. Quem havia de dizer que, na paisagem bucólica dum recanto minhoto engrinaldado de parreiras, seria possível surgirem de repente os bonecos animados da gesta carolíngia, como se a modesta povoação que lhe puxava as guitas fizesse sua a luta dos pares cristãos contra a moirama! E no entanto, “A cinco do mês de Agosto / Quando a calma caía”, representou-se novamente na aldeia das Neves, perto de Viana do Castelo, como sucedia desde tempos imemoriais, o velho AUTO DA FLORIPES.

Convém assinalar devidamente a importância do acontecimento, não só pelo interesse imediato dum espectáculo folclórico pouco vulgar, mas para sublinhar a fidelidade castiça daquele lugar e daquela gente a uma tradição extremamente antiga, que lança uma luz concreta sobre o problema do teatro medieval e popular deste país.

O povo português tem desmentido sempre, na medida das suas possibilidades, o desinteresse da nação em matéria de cultura teatral. Não importa que as suas tentativas sejam frustes ou desajeitadas: são. E em teatro, vive-se de realizações, sejam elas perfeitas ou imperfeitas. Os tempos vão delindo ou submergindo este pendor inato. Mas há cinquenta anos, mormente no Norte do País, as «Comédias» eram o pão nosso de cada festa local, e o lume da tradição fumeja ainda, como se vê. Embora de teor muito diverso, as peças representadas tinham uma origem geralmente longínqua, que era relativamente fácil de descortinar. A fonte remota de quanta «paixão de Cristo» servia de pano de fundo às endoenças transmontanas era, evidentemente, idêntica à de todo o teatro litúrgico europeu, com a diferença de lá fora haver textos originais dos «mistérios», guardados em conventos franceses, suíços ou catalães, ao passo que, em Portugal, só nos restam, preciosamente guardadas, as proibições episcopais de os representar. (...)

Mas aqui, em Neves, é outra sobrevivência antiquíssima que ressurge cada ano: a da epopeia carolíngia. E é aliciante imaginar a lenda, tão sabida dos peregrinos de Santiago de Compostela, regressar com alguns de entre eles, e fixar-se neste verdejante panorama de videiras de enforcado. (...)



Fig. 9. Notícia “Auto da Floripes: a História que o povo sabe”. Publicada na revista Flama, nº 1120, de 22 de agosto 1969.

E tudo acaba com a promessa de repetir a função brevemente: “Demos fim a este baile / Que a nós assim nos convém. / Regalem-se, meus senhores, / Até ao ano que vem. “

Este «baile», diz a quadra final. E, na verdade, a síntese é feliz, embora o AUTO DA FLORIPES seja mais do que isto. Versos e prosa, declamação e canto, bailado e mímica, leit-motiv musical para as entradas de cada um dos chefes, papel improvisado do bufão Brutamontes, tudo concorre para enriquecer esta representação híbrida, dando ao espectador cidadão largo campo de sugestões e comparações, que vão desde o milagre medieval, apologético e singelo, até à ópera Wagneriana, passando pela commedia dell’arte. No entanto, a coreografia é o elemento essencial que sublinha o texto. Os actores principais fingem fazer as suas entradas a cavalo. Nada custa imaginá-los primitivamente cavalgando montadas de cartão, à laia de saia. Hoje, imitam apenas, dansando, o passo cadenciado ou as arremetidas do animal, com uma destreza e uma perfeição que nada deixa a desejar aos profissionais do New York City Ballet, mimando um Rodeo! (...)

Que, apesar de todas as dificuldades de ordem material, este apego a uma forma de cultura tenha permanecido vivaz até hoje, autoriza-nos a pensar que os herdeiros da tradição serão capazes de a manter pelos tempos fora com igual devoção e teimosia. E não é nada mau que o exemplo nos seja dado pelos simples. Assim todos saibam guardar em pureza os legados imaginosos do passado.

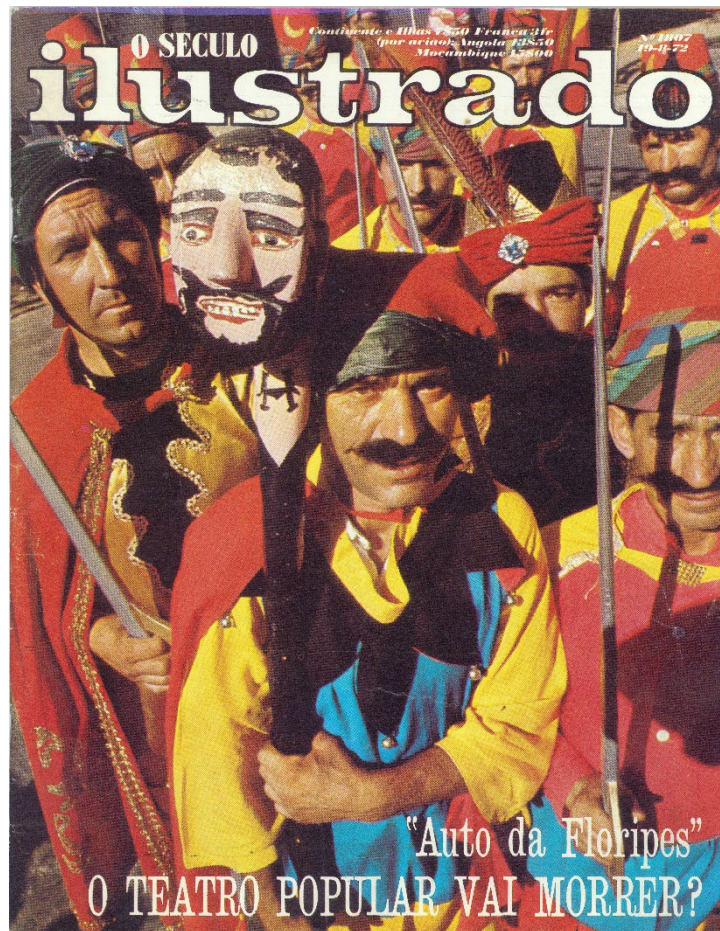


Fig. 10. *Capa da revista. Século Ilustrado, nº 1807, de 10 de agosto de 1972.*

E, finalmente, Maurício Guerra (1958-1987), um sacerdote natural da antiga freguesia vizinha de Portela Susã, investigador e etnógrafo percursor, a par de Domingos Maciel (“da Calçada”, 1933-2022), do estudo do teatro popular no vale do Neiva e primeiro autor da recolha literária e descrição integrais do *Auto da Floripes*, no que poderá ter sido o último texto por ele redigido sobre a tradição das Neves, com o título “Património para uma Herança”, publicado no *Livro da Festa das Neves* do ano de 1986, deixou uma reflexão importante:

*“Onde está o valor do Auto? Onde o segredo que alguns não chegam a captar?
Que tesouro nele se esconde? Que herança receberão os vindouros?
Como escrevia há um ano no Diário do Minho o ilustre Vilapunhense P.e Amadeu
Torres, através do teatro popular podemos descobrir a mentalidade colectiva e a
visão do mundo própria de um povo.*

Alinhemos então alguns parágrafos sobre o assunto:

*– A riqueza do auto reside na arte de representar: espontânea, intuitiva,
tradicional;*

- Ele mostra o povo a falar, a cantar e a dançar coisas suas; não estranhas, alheias ou importadas;
- Aqui descobrimos o sentido épico do povo: viver é lutar, avançar, derrotar adversários;
- Vê-se que o português é tão lírico (sentimental, saudosos), como épico (aventureiro, optimista);
- No fundo da alma o povo deseja a paz: o combate termina com a integração do inimigo e todos cantam e dançam em irmandade;
- Em todo o auto ressuma um sentido cómico notável: a alegria de viver, o sentido lúdico.
- O festivo e o sagrado irmanam-se num abraço destemido;
- A religiosidade minhota, afectiva e simples, tão humana e sensitiva, marca presença a cada minuto da representação.



Fig. 11. Cenário de representação do início dos anos 80 do século passado.
Autoria desconhecida. Cedida ao Núcleo Promotor do Auto da Floripes 05 de Agosto.

Que será preciso fazer para conservar esta peça e a transmitir amanhã aos filhos desta terra? Eis algumas sugestões, que me vêm à ideia:

- Será bom adaptar com mais cuidado o uso das instalações sonoras;
- Deve-se reclamar o direito à diferença entre teatro popular e teatro erudito;
- Promovam-se no Ensino Básico acções de sensibilização;
- Uma desenvolvida introdução ao estudo do Auto deve ser ministrada no Ensino Secundário da região;
- São precisos actores com amor à farda;
- O auto precisa de um ambiente melhor no dia da representação;
- O auto deve permanecer nas mãos do povo.”



Fig. 12. Cenário da representação ao lado da Capela de Nossa Senhora das Neves, no ano de 1985.
Fotografia de Carlos Novo, o “Lilo”.

O diversificado conjunto de autores e de excertos selecionado se comprova a intensa existência do *Auto da Floripes* em mais de um século (1859-1985), assim como a reunião de um riquíssimo espólio literário, também demonstra a variedade de visões e de percepções, pois se um dos autores, Cláudio Basto, lavrou de uma primeira assistência no ano de 1910, e influenciado pela opinião local, que a tradição não era desempenhada a preceito pelos *comediantes* das Neves, já da representação de 1933 concluiu que afinal eram bem merecidos os aplausos que os intérpretes recebiam todos os anos; que autores de outros quadrantes geográficos ou artísticos, como Gallop, Cochofel ou Crabbé Rocha, tivessem apreendido a grandiosidade, complexidade e raridade do património imaterial; ou de outros autores, como Couto, Chaves e Guerra, que foram revelando problemas, debilidades e receios sobre algo tão autêntico e frágil que se extinguindo criaria um vazio cultural impreenchível, como ocorreu com as representações *pastorales* de Soule. Por outro lado, constata-se que a mudança foi também um factor sempre presente e causador de discórdias, sendo os modernismos quase até considerados Cavalos de Tróia.



Fig. 13. Cenário de representação do final dos anos 80 do século passado. Fotografia de Carlos Novo, o “Lilo”.

2. REFLEXÕES PESSOAIS E PROPOSTAS DE MUDANÇA

Eu iniciei a minha participação no *Auto da Floripes* no ano de 1993. Se de uma conjuntura difícil que aqui exponho o necessário – os meus primeiros quinze anos de representações – os elementos com quarenta, trinta e até vinte anos de desempenhos lamentavam, ensaio após ensaio, e ano após ano, a degradação existencial a que a tradição havia chegado e que no tempo dos seus inícios é que as *Comédias das Neves* tinham o devido valor, tal para mim significava que tinha havido então uma grande mudança (para pior, obviamente!) a implicar outras ou o término. Se alguns desses participantes com décadas de contributos viviam de saudosismos e suspiravam pelos tempos áureos em que para se conseguir um lugar fosse necessário participar em ensaios sem garantias e aguardar muito tempo, em que os intérpretes dos papéis principais tinham honrarias durante a romaria, em que algumas individualidades da cultura popular portuguesa se deslocavam às Neves para apreciarem os seus desempenhos, ou que as representações gloriosas nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, no castelo de Silves ou num dos maiores festivais de teatro português, o de Almada, pudessem se repetir, com o modelo de organização existente – comissões de festas a mudarem de dois em dois anos, compostas por vários elementos que nunca haviam presenciado uma representação – teriam de viver numa ilusão colossal; a cidade de Lisboa organizou uma exposição universal no ano de 1998, a cidade do Porto foi *Capital Europeia da Cultura* no ano de 2002 e a cidade de Guimarães também organizou o último evento no ano de 2012, e em nenhum deles o *Auto da Floripes* esteve presente, quando era, ou deveria ser, uma das referências maiores da cultura e do teatro popular português.



Fig. 14. Cenário da representação do ano de 2018. Fotografia de Nuno Peixoto.

No início dos anos 90 do século passado se já era grave para as *Comédias das Neves* muitos filhos não irem ver os pais representar, muitos pais não irem ver os filhos, muitos irmãos não irem ver os irmãos, muitos amigos não irem ver os amigos e a maioria dos

vizinhos ter deixado de ir ver os vizinhos, servindo eu de exemplo, pois não me lembro de alguém da família ou de algum amigo ter presenciado a minha estreia; o recinto onde a representação acontece ter acabado de ser remodelado para privilegiar as assistências massivas de espetáculos musicais noturnos (os “artistas da festa” como ainda são localmente designados), sem qualquer tipo de sombra à frente do palco dos concertos que foi empurrado para as extremidades do largo (causando um distanciamento do público que nunca mais desapareceu), ao invés do tablado estreito e comprido que era montado no centro para ter o público à volta; ter-se mantido durante mais alguns anos as inestéticas bancadas de madeira em hemicírculo; o dia 5 de agosto ser somente um feriado local e por parte da comunidade não conseguir participar nas festividades por trabalhar nos setores da indústria e dos serviços; a organização ser tão deficiente e bem do conhecimento público para até transferir o ónus da representação para a intervenção divina de Nossa Senhora das Neves, no que alguns *comediantes* afirmavam sempre uns dias antes da romaria que tudo iria acontecer de feição porque a Nossa Senhora nunca falhava com o seu auxílio, só que culminavam em cumprimentos da tradição sofridos e sofríveis; foram todos esses factos muito importantes para uma das fases mais difíceis, ou talvez a maior, do *Auto da Floripes*, que provocou uma situação irreversível na perda do muito público que até aos anos 70 do século passado dedicava a tarde à romaria e à representação.



Fig. 15. Cenário da representação do ano de 2019. Fotografia de Nuno Amorim Carvalho.

Na viragem do século e do milénio, as causas de centenas de jovens não quererem participar numa tradição multissecular como o *Auto da Floripes* não eram sequer motivo local de reflexão e de discussão. Se, nos anos 60 e 70 do século passado, tinha ocorrido uma fase boa de haver muitos participantes, e alguns até extremamente talentosos que se tornaram lendas, como José Pereira, o “Pereirinha”, Alípio da “Vicenta” ou António Novo, o “Magnífico”, e de acontecerem as primeiras representações fora das festividades, acima referidas, o deslumbre talvez tenha-se tornado um veneno que conduziu a uma

apatia generalizada e a um silêncio incómodo, culminados num tempo de não interessar mais a forma como a tradição se cumpria e importar apenas que acontecesse; o tempo de alguns elementos terem comportamentos incorretos, inadequados e indignos, mas não serem afastados; o tempo de pessoas representarem apenas por favor ou consideração ao presidente das festividades ou a algum festeiro; o tempo de alguns bons *comediantes* desesperarem e sofrerem com os comportamentos de outros elementos e/ou com a incúria e/ou incapacidade dos organizadores; o tempo dos ensaios serem pouco participados, pouco produtivos e desajustados aos participantes e não raramente com conflitos; o tempo da qualidade do grupo ser tão diminuta que parte significativa dos elementos era incapaz de declamar em palco uma deixa simples de quinze ou vinte palavras; o tempo de passar a ter anos e anos as animosidades entre alguns elementos da tradição e muitas tensões entre alguns elementos e alguns organizadores das festividades.



Fig. 16. Cenário do final da representação durante a pandemia da Covid19, com o cumprimento de regras da Direção Geral de Saúde, no ano de 2021. Fotografia de Nuno Amorim Carvalho.

Relendo-se o texto de Maurício Guerra, e tendo-se em conta que o trabalho dele de pesquisa, registos e produção de conteúdos literários realizado no *Auto da Floripes* das Neves, também aconteceu em Palme no outro *Auto da Floripes* menos conhecido, ou mais conhecido como *Drama dos Doze Pares de França*, e na terra donde ele era natural, Portela Susã, no *Auto de Santo António*, faltou-lhe indicar o ponto principal para a maioria dos problemas existentes (e que viriam a agravar-se) ou para as soluções que preconizava – a má organização – que funcionava com a perspectiva exclusiva de curto prazo dos elementos principais das comissões de festas: para obterem resultados inadiáveis tinham de ceder a caprichos, a exigências ou até a chantagens de alguns participantes com posições importantes; os problemas como não se conseguiam resolver em dois anos eram

passados para os organizadores sucessores; e o ciclo vicioso que se criou durante décadas acabou por tornar-se irresolúvel através do modelo organizacional em prática¹.



Fig. 17. *Ferrabrás de Alexandria deitado na sua “cama”, com o público ao fundo. Representação do ano de 2021.*
Fotografia de Armando Novo.

Para um património imaterial multissecular como o *Auto da Floripes*, a passagem de vinte anos não é um tempo considerável, no entanto, já parece algo longínquo, quando, no início deste século, eu fui a primeira pessoa a expor pública e detalhadamente os problemas profundos da tradição, o desfasamento ou desenquadramento com as comunidades detentoras do património e a imperiosidade da mudança, assim como a apresentar a única solução que me pareceu ser possível para o problema estrutural – a dos *comediantes* organizadores – como deveriam existir elementos com bons perfis para o palco, nas interpretações dos papéis complexos ou diferenciados, ou para os ensaios, na instrução e condução de um conjunto textual, musical e coreográfico complexo e volumoso, também teria de haver outros para a organização e a realização das representações, acrescidas da dinamização e promoção da tradição, porque ninguém o

¹ Pelo que tem vindo a ser experiência própria, várias comissões de festas em honra de Nossa Senhora das Neves têm sido compostas por elementos dedicados, talentosos e esforçados ao angariarem os fundos financeiros necessários, ao organizarem atividades de angariação de receitas ao longo do ano e ao formarem equipas de trabalho nas múltiplas partes das festividades para que tenham a dignidade e o brio que a padroeira merece, pelo que não existe neste texto qualquer pretensão de denegrir ou desvalorizar imensos contributos meritórios, dos quais o *Auto da Floripes* precisou e irá continuar a precisar. No entanto, e tendo havido até festeiros a dedicarem muitos esforços e recursos financeiros à tradição teatral, se nunca conseguiram alcançar resultados para além das representações no dia 5 de agosto é porque existiam e existem especificidades que não poderiam nem podem ser geridas ano a ano ou em apenas dois anos, como a gestão do guarda-roupa e do armamento, a substituição de *comediantes* com papéis ou perfis complexos, ou a reunião de arquivo e de espólio. Apresentando mais um exemplo e enquadrado no que é referido como uma fase boa, para a realização da representação do ano de 1959 que viria a ficar registada no filme neorrealista *Auto da Floripes* do Cineclube do Porto, do ano de 1963, ou para as representações nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian ou no castelo de Silves, foram mais fundamentais os contributos de personalidades locais como Leandro Quintas Neves, Armando Dias (o “Faixa”) e Severino Costa do que das comissões de festas da época.

fazia, devidamente, há outras duas décadas. Com a possibilidade de poderem se juntar antigos *comediantes* e algumas pessoas mais que quisessem ajudar, o grupo de intervenientes na tradição poderia ser maior, mais qualificado, mais diversificado e sem a condicionante dos responsáveis estarem a mudar constantemente de dois em dois anos.



Fig. 18. A difícil captura de um turco em tempos difíceis, na representação do ano de 2021.
Fotografia de Nuno Amorim Carvalho.

3. CONCLUSÃO

A redação deste texto tendo como objetivo inicial um testemunho direto para o tema da mudança nas festas com tradições dramáticas de cristãos e não cristãos, os excertos textuais de outros autores demonstram que tem sido difícil a conjugação e o equilíbrio entre tradição e inovação no *Auto da Floripes* das Neves, embora as mudanças nos espaços, nos trajés, nos adereços ou até nos paradigmas tenham sido factos. No entanto, a solução que eu andei a propor há vinte anos, que aparentou ser irrealista e inexecutável, que redundou num fracasso de curto prazo e sentenciou a minha primeira saída das *Comédias das Neves*, demonstrou a partir da participação no *Primer Congreso Internacional de Embajadas y Embajadores de la Fiesta de Moros y Cristianos* de Ontinyent, no ano de 2010, e da organização do *Eixpressões – Encontro de Teatro Popular do Eixo-Atlântico*, no ano de 2011, que o futuro, pelo menos a curto e a médio prazo, teria de passar pelo tal modelo dos *comediantes* organizadores auxiliados por antigos *comediantes* e muitas mais pessoas que gostassem do *Auto da Floripes*, que a maior mudança nos últimos cinquenta anos não iria causar só a saída dos festeiros em honra de Nossa Senhora das Neves da organização, como a substituição de vários elementos do grupo, a possibilidade do choque de forças entre responsáveis de entidades locais e até o surgimento de litigâncias judiciais entre as partes, enquanto o grupo de *comediantes* tinha de ser remodelado, rejuvenescido e preparado para um futuro em que não aguardasse passiva, e comodamente, nem estivesse mais totalmente dependente de decisões alheias. Para os receios de que uma mudança tão grande poderia ou viria a causar guerras entre festeiros e *comediantes*, quando há entre eles sempre algumas relações de parentesco, de amizade ou de vizinhança, e possíveis boicotes de representações no dia 5

de agosto, a passagem de pouco tempo já mostrou que a pandemia recente que impossibilitou a organização e a realização das festividades, não impossibilitou a junção dos *comediantes* em dois ensaios e numa representação, tanto no ano de 2020, como no de 2021, pelo que é conclusão minha ter sido e ser mais nocivo para o *Auto da Floripes* a letargia do que a mudança.



Fig. 19. *A filosofia do bobo Brutamontes, em tempo de pandemia. Representação do ano de 2021.*

Fotografia de Armando Novo.

Quando eu entrei para a tradição dramática das Neves, aos 15 anos de idade, dois terços dos elementos tinham o triplo e o quádruplo da minha idade; passados 30 anos, eu sou o elemento com mais antiguidade, o terceiro menos jovem e já considerado um velho pela maioria dos meus pares! Com a juventude que entrou para o *Auto da Floripes*, nos últimos 20 anos, para além de esperança e de alegria, vieram também a vontade de aprender e de representar melhor, a elaboração e disposição dos devidos meios de trabalho, a ambição

na conquista de papéis mais difíceis e desafiantes, a ampliação de soluções internas, a destreza e capacidade física necessárias para um conjunto coreográfico exigente, a alteração da imagem e da comunicação, e a confiança que as comunidades da freguesias de Barroelas e Carvoeiro, de Mujães e de Vila de Punhe passaram a ter nos *comediantes* como guardiões zelosos, diligentes e responsáveis de um património imaterial que continua a pertencer a todos e para o qual só há obrigações e não direitos.



Fig. 20. O sorriso da princesa Floripes em tempos de poucos sorrisos. Representação do ano de 2021.
Fotografia de Nuno Amorim Carvalho.

Parte significativa dos portugueses ou galegos têm o conhecimento básico que, na costa ocidental do Atlântico, o alto verão traz sempre os ventos refrescantes do norte (as nortadas), mas os registos do século XX mostram-nos não ser certo que a vinda das nortadas tenha trazido sempre uma representação do *Auto da Floripes* no dia 5 de agosto. Por outro lado, também é muito bom que nenhum outro vento tenha levado embora a tradição, como escreveu Luís Chaves, no já distante ano de 1943, mas, noutros textos e doutros autores, muitos mais ventos foram demonizados e exorcizados, fazendo com que o retorno trouxesse, geralmente, a inércia e o medo da mudança. Para as críticas descontextualizadas e mesquinhas, como fazer-se da utilização das garrafas plásticas de água, durante algumas representações, uma notícia regional, quando perante as temperaturas a aproximarem-se de 40º centígrados, dever importar muito mais a saúde e a integridade física dos *comediantes* do que as fotografias ou o aspeto anacrónico, ou até de já ter havido um elemento cristão a utilizar calças de ganga debaixo da túnica, quando tinha entrado à pressa durante a representação para substituir outro que havia desmaiado

no palco com o excesso de sol e de calor; para as práticas de cristalização, como querer-se reconstituir algo do passado que já não existia registos ou testemunhos credíveis ou preservar algumas movimentações excessivamente lentas e aborrecidas, que poderão ter sido cerimoniais há décadas, mas que o público deixou, entretanto, de apreciar e de querer; para as tentativas de hermetismos, como as avocações de direitos consuetudinários para preservar um modelo de organização que, estruturalmente, nunca foi bom; e para tudo o resto que eu fui recolhendo, registando e partilhando sobre o *Auto da Floripes* das Neves e até sobre outras tradições teatrais seculares do noroeste peninsular que eu consegui conhecer, lembro-me sempre que as casas que não arejam são as que mais se estragam e que mais rapidamente caem, pelo que quem cuida delas tem de observar bem os tempos e de saber quando deverão estar ou não abertas as janelas e as portas para que nelas entrem os ventos.



Fig. 21. *O autor no papel do Imperador Carlos Magno 2019.*

BIBLIOGRAFIA

- Basto, C. (1912). *Auto da Floripes*. In *Tradições e Falas de Viana do Castelo*. *Revista Lusitana* (No. XV). Oficinas da Biblioteca Nacional de Lisboa. Também publicado em *Silva Etnográfica*. Edições Marânus, Porto, 1939.
- Chaves, L. (1943, October 21). Coisas que o vento não levou. *Diário da Manhã* (No. 4479).
- Cochofel, J. J. (1949). Nótula sobre o valor espectacular do *Auto da Floripes*. *Vértice, Revista de Arte e Cultura* (No. 73).
- Couto, A. (1943, September 17). Teatro Popular «O Auto da Floripes». *Diário de Notícias* (No. 27874).
- Crabbé Rocha, A. (1957, October 22). O «Auto da Floripes» ou As Comédias em Portugal. *O Comércio do Porto*.
- Fonseca, W., & Gageiro, E. (1972, August 10). “*Auto da Floripes*” na *Aldeia das Neves*; o Teatro Popular *Expira*. *Como Salvá-lo?*. *Século Ilustrado* (No. 1807).
- Franco, L. (2002, July/August). O Auto da Floripes e os Velhos do Restelo. *Amanhecer das Neves* (No. 197).
- Gallop, R. (1930). *A Book of the Basques*. Macmillan and Company Limited.
- Gallop, R. (1936, 1961). *Portugal: A Book of Folk-Ways*. Cambridge University Press.
- Guerra, M. (1986). Património para uma Herança. In *Livro da Festa das Neves*. Viana do Castelo.
- Pinto, G., & Ruiz, J. (1969, August 22). *Auto da Floripes: A História que o povo sabe*. *Revista Flama* (No. 1120).
- Sampaio e Mattos. (1859). Romagem da Senhora das Neves. In *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1860*. Tipografia Franco-Portuguesa.